

Mercado já recusa os cruzeiros

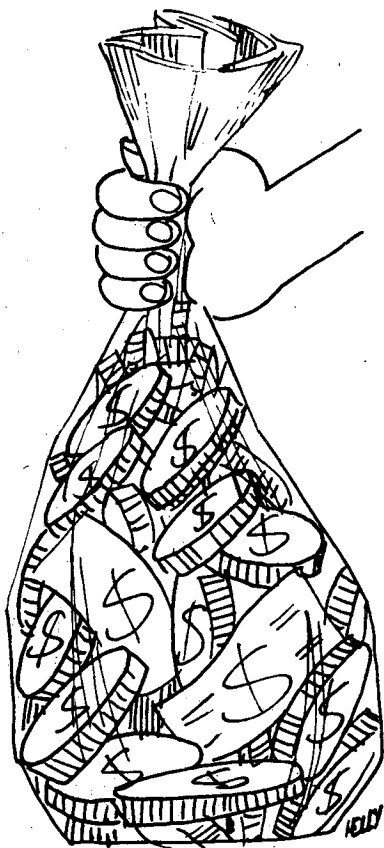
O Brasil não tem mais moeda nacional. Esta é a opinião corrente nos meios financeiros, políticos e empresariais do País. É também a opinião do mercado que já se recusa a trabalhar com os desmoralizados **cruzeiros**. Anúncios de compra e venda de bens e oferta de serviços falam abertamente em **dólares**, que é também a moeda referencial utilizada no dia-a-dia das pessoas comuns. Os contratos, que são obrigados por lei a referir-se ao **cruzeiro** usam-no com um **porém**. Este porém é o atrelamento da moeda nacional sempre a um índice de correção qualquer.

A base monetária (depósito à vista nos bancos e moeda em poder do público) reduz-se a níveis inexpressivos e as quase-moedas (CDBs, títulos públicos, etc) ganham força de moeda pela indexação que trazem, quase uma vacina contra a inflação.

A função tradicional de uma moeda, de **reserva de valor** já não veste bem no cruzeiro. Mais um pouco e o país vai chegar à situação do Zaire, onde as pessoas vão às compras carregando sacolas de dinheiro. Ou à da Alemanha de antes da guerra, quando se comprava um maço de cigarros por alguns bilhões de marcos.

A inflação, de 31% ao mês, destoa de todo o resto da América Latina, onde países que já passaram por situações de grande desgaste conseguiram impor planos de recuperação e de estabilização econômica, conquistando níveis "civilizados" no comportamento dos preços.

Mas no Brasil ainda não há no horizonte nenhum sinal de inflação cadente. Pelo menos o Governo não



sinaliza nada neste sentido. O Governo finge que a inflação de 31% ao mês, equivalente a 2.454,2% ao ano não é com ele.

Apenas faz um leve aceno para medidas estruturais de médio prazo e ninguém sabe se haverá força política para implantá-las.

A bem da verdade, o ministro Fernando Henrique Cardoso faz o que pode e desempenha seu papel com brilhantismo. Mas, infelizmente, entre os economistas da sua equipe, não encontrou ao menos até agora, o diretor que o auxilie a vencer a monotonia do filme que promete somente ser rompida pela reação popular. (Helival Rios)